

A Comunicação da Cotrisoja de Tapera com as Mulheres da Agricultura Familiar e o Êxodo Rural Feminino¹

Renata Müller²

Otávio José Klein³

Universidade de Passo Fundo - RS

Resumo: A pesquisa tem por objetivo analisar a comunicação e a integração das mulheres na Cotrisoja de Tapera/RS e o enfrentamento do êxodo rural feminino. Desenvolveu-se uma pesquisa de caráter descritivo em duas etapas. Primeiramente, foram coletados dados em uma comunidade rural do município de Selbach/RS, sobre a presença de mulheres jovens no meio rural. Posterior, foram coletados dados junto à Cooperativa Triticola Taperense Ltda – Cotrisoja, sobre suas ações comunicacionais com as mulheres visando a sua integração na organização e, com isso, verificar se estas estão sendo adequadas para a manutenção das jovens na agricultura familiar. A pesquisa revelou que as ações voltadas às mulheres são ineficazes, o que mantém o atual cenário de êxodo rural. Com isso continua o sério comprometimento da sucessão nas propriedades familiares.

Palavras-chave: Reprodução social; Propriedade rural familiar; Cooperativismo e Cotrisoja; Mulher.

Introdução

A presente pesquisa volta-se para uma problemática presente na agricultura familiar. Trata-se, por um lado, da evasão da juventude no campo, maior entre as mulheres, mas também presente entre os homens e, por outro, da insuficiente ação, também no campo comunicacional, por parte do cooperativismo, que ainda não conseguiu enfrentar satisfatoriamente a questão.

O objetivo desta pesquisa é analisar a comunicação da Cooperativa Triticola Taperense Ltda (Cotrisoja) voltada às mulheres e sua eficácia no que tange ao enfrentamento da evasão rural feminina. Especificamente, pretende-se observar se as ações promovidas pela organização com as mulheres contribuem para a permanência das

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Passo Fundo – UPF, e-mail: renatamulleer2@gmail.com.

³ Professor Doutor do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade de Passo Fundo - UPF. Doutor pela Unisinos, doutorado-sanduiche pela Universidade Beira Interior de Portugal com bolsa CAPES, e-mail: oklein@upf.br.

juvens na propriedade rural familiar. Justifica-se esta pesquisa pela importância do cooperativismo para o desenvolvimento das comunidades rurais, bem como para a luta pela equidade de gênero e empoderamento feminino. Ainda, justifica-se a escolha do tema, pela afinidade dos pesquisadores com o contexto da pesquisa.

Comunicação Organizacional

As organizações na sociedade constituem um universo significativo. São de diversos tipos e um deles que se destaca, principalmente em algumas regiões do Brasil, são as organizações cooperativadas. Elas atingem, diretamente, um público muito grande, pois, algumas delas possuem milhares de associados, especialmente as cooperativas agropecuárias. Cada uma delas constitui a sua comunicação visando a participação de todos, a manutenção, o funcionamento e a ampliação da sua organização.

No cooperativismo é muito comum o uso do rádio, de impressos, mas principalmente de atividades e eventos que reúnem seus públicos em momentos específicos. Para este estudo seguimos a definição de Margarida Kunsch (2003) que nos apresenta a comunicação organizacional, que possui em seu bojo a comunicação institucional, a comunicação mercadológica, a comunicação interna e a comunicação administrativa. Para ela, a boa comunicação nas organizações precisa buscar a integração de todos os tipos comunicacionais, resultando na comunicação integrada das organizações. Para ela, esta é uma filosofia que une esforços para constituir um “mix, o composto da comunicação organizacional” (KUNSCH, 2003, p. 150).

Reprodução Social

Nas famílias que vivem na agricultura familiar sobressaem-se muitos costumes passados de geração em geração. Essa prática de reprodução social, é responsável pelas diferentes formas de como as famílias rurais, de diferentes contextos sociais, dão continuidade a esta atividade econômica (BRUMER; ANJOS, 2008, p. 8). Os conceitos de *habitus* e campo de Bourdieu (1930 – 2002), conforme Thiry-Cherques (2006), fazem parte da sua sociologia relacional e contribuem para compreender a percepção em torno da reprodução social.

Para Bourdieu, conforme Thiry-Cherques (2006), “o *habitus* é um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma circunstância dada”, ainda, são disposições adquiridas pela interiorização das estruturas sociais, com histórico individual e coletivo, tão internalizadas em nosso ser que as ignoramos; são rotinas; produtos de aprendizagem, que nos são *naturais* (grifo do autor).

Já o conceito de campo de Bourdieu, conforme explica Thiry-Cherques (2006), pode ser entendido como “*espaços estruturados de posições* em um determinado momento”. Para o autor, “os campos resultam de processos de diferenciação social, da forma de ser e do conhecimento do mundo. Como tal, cada campo cria o seu próprio objeto (artístico, educacional, político etc.) e o seu princípio de compreensão”. Ainda, “todo campo se caracteriza por agentes dotados de um mesmo *habitus*. O campo estrutura o *habitus* e o *habitus* constitui o campo” (BOURDIEU apud THIRY-CHERQUES, 2006, grifo do autor).

Ainda, o campo é estruturado de posições que podem ser analisados, independente das particularidades de seus ocupantes. A estrutura do campo também

é dada pelas relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e as instituições que lutam pela hegemonia no interior do campo, isto é, o monopólio da autoridade que outorga o poder de ditar as regras, de repartir o capital específico de cada campo (BOURDIEU apud THIRY-CHERQUES, 2006).

Segundo Brumer e Anjos (2008, p. 8), Bourdieu atenta para as “*estratégias* pelas quais diferentes categorias sociais reproduzem sua posição no espaço social a partir de uma socialização que engendra determinadas disposições” (BOURDIEU, 1994, p. 5 apud BRUMER; ANJOS, 2008, p. 8, grifo do autor). Segundo os autores, essas “estratégias contemplam domínios referentes à fecundidade e à profilaxia (ligadas à reprodução biológica), as estratégias educacionais, matrimoniais, econômicas (orientadas para aumentar ou conservar os capitais disponíveis), simbólicas e de sucessão (BOURDIEU, 1994, p. 5-6), e se engendram nas famílias” (BRUMER; ANJOS, 2008, p. 8).

Conforme Bourdieu (2005 apud SILVA; SCHNEIDER, 2010, p. 4), a divisão sexual está incorporada nos corpos e *habitus*, mostrando-se natural, inclusive, inevitável. A dominação masculina é resultado da reprodução social, através da violência ocorrida

por vias simbólicas, sem nem sequer ser percebida por suas vítimas. Assim sendo, ratifica-se a divisão social de trabalho, espaço e tempo, reservando às mulheres o espaço doméstico. Esse contexto é vivenciado nos mais diversos grupos sociais, fazendo-se presente no dia-a-dia de inúmeras famílias.

A propriedade Rural Familiar e as Relações de Gênero

Na região Sul do Brasil, a dominação masculina é forte característica das famílias rurais. Para Renk, Badalotti e Winckler (2010, p. 369), os chamados colonos – descendentes de alemães, italianos e poloneses – tiveram o processo sucessório repassado pelos seus ascendentes imigrantes da Europa. Segundo as autoras, para os colonos, “a terra jamais fora meramente um bem de mercado [...] carregava valores familiares e era considerada um patrimônio moral” (WOORTMANN, 1985 apud RENK, BADALOTTI; WINCKLER, 2010, p. 369). Lamarche (1993) considera que o trabalho familiar no estabelecimento agrícola caracteriza-se pela “unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família” (LAMARCHE, 1993, p. 15 apud DALCIN; TROIAN, 2009, p. 6). Para um entendimento mais amplo da família rural que será abordada neste estudo, pode-se usar a descritiva de Renk, Badalotti e Winckler (2010, p. 370), quanto à reprodução social das famílias camponesas do Oeste de Santa Catarina:

A família é uma unidade indivisível de produção e consumo, hierarquizada, observando gênero e faixa etária, com vínculos de consanguinidade e de afinidade. [...] A hierarquização familiar, o papel da chefia masculina, a autoridade e o autoritarismo do chefe de família e o trabalho eram constitutivos dos vínculos familiares [...]. No sentido habitual, a mulher e os jovens, apesar da longa jornada de atividades, não trabalhavam. O trabalho era prerrogativa do chefe de família. Os demais *ajudariam* (RENK; BADALOTTI; WINCKLER, 2010, p. 370, grifo das autoras).

Diante deste padrão de unidade familiar rural, muitos jovens se questionam sobre a sua permanência na propriedade rural familiar. Dentre os fatores verificados por jovens nos estudos vigentes quanto ao processo migratório, está o desejo de “não dar continuidade ao processo reprodutivo social das propriedades semelhante ao de seus pais nas atividades rurais” (JÚNIOR, 2007 apud DALCIN; TROIAN, 2009, p. 6). Champagne (1986 apud BRUMER, 2004, p. 219) aponta que essa recusa do modo de vida dos pais

pode ser entendida como uma crise de identidade social. A reivindicação de acesso à renda própria, bem como autonomia em relação aos pais, são aspectos apontados por Brumer (2006 apud DALCIN; TROIAN, 2009, p. 7).

Carneiro (2001) considera que a transmissão das propriedades rurais para seus herdeiros também influencia no processo migratório rural-urbano. Para a autora, a escolha de um sucessor está intimamente ligada com a partilha dos bens, neste sentido, jovens que não se encaixam como ator principal para o papel de sucessor acabam buscando outras alternativas nas cidades, deixando a propriedade para um irmão que assumirá o papel de chefe da família.

Para Aguiar e Stropasolas (2010, p. 165), o jovem vive uma condição de subordinação no ambiente familiar. Essa condição é ainda mais marcante no caso das jovens, uma vez que o viés do trabalho é determinante para a visibilidade desses atores sociais nas propriedades. Para os autores, às moças são destinados serviços domésticos que não são considerados *produtivos*, inviabilizando o acesso à renda, ao contrário do trabalho na lavoura, destinado aos jovens rapazes, que está dentro da *esfera produtiva* e, assim, constitui renda. Quando ainda solteiras, as moças atendem às determinações dos pais e, ao casar-se com um jovem do campo, estará subordinada a ele e indiretamente a família do esposo (grifos dos autores).

Para Carneiro (2001), as filhas estão designadas a reproduzir o papel da mãe dentro da unidade familiar, o que faz com que a escolha de deixar a propriedade seja mais evidente nas jovens. Conforme Silva e Schneider (2010, p. 5), nas unidades familiares rurais, o homem enquanto chefe de família e da propriedade, possui privilégios. É designado ao sexo masculino, por via da organização social predominante, a representação da propriedade no espaço público e a organização do trabalho agrícola. Às mulheres ficam designadas as atividades voltadas para a reprodução familiar, bem como o cuidado da casa, o cultivo da horta e a manutenção de pequenas criações, incluindo a atividade leiteira. “Os homens devem cuidar das atividades produtivas, ou seja, voltadas para o mercado, enquanto consideram que as mulheres apenas *ajudam*, o que reflete a desvalorização do trabalho feminino pela sociedade, já que as tarefas domésticas não geram renda monetária” (dados DESER – CEMTR/PR apud SILVA; SCHNEIDER, 2010, p. 5, grifo do autor).

Tais questões nos levam a repensar o lugar da mulher na propriedade rural familiar e sua luta pela equidade de gênero e pelo empoderamento feminino, que muitas vezes

acabam sendo procurados nos centros urbanos em detrimento das propriedades rurais, ocasionando a evasão rural feminina. Para a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB – 2018), a busca pelo empoderamento feminino a equidade de gênero já assumiu uma dimensão global e o cooperativismo faz parte desta luta. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU, 2018), o empoderamento das mulheres e a equidade de gênero são condições e garantias para o fortalecimento das economias, mas principalmente para a “melhoria da qualidade de vida de mulheres, homens e crianças, e para o desenvolvimento sustentável” (ONU, 2018).

Cooperativismo e a Cotrisoja

O movimento cooperativista teve seu marco inicial em 1844, quando 28 tecelões buscaram uma alternativa de trabalho e sobrevivência durante a Revolução Industrial, criando assim a *Rochdale Society of Equitable Pioneers Ltd*, na Inglaterra (MULLER; KLEIN, 2017, p. 2, grifo dos autores). Conforme a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB, 2017 apud MULLER; KLEIN, 2017, p. 5), ao longo dos anos, o cooperativismo foi difundido pelo mundo e hoje está presente em aproximadamente 100 países. A OCB ainda conceitua o cooperativismo como:

Uma filosofia de vida que busca transformar o mundo em um lugar mais justo, feliz, equilibrado e com melhores oportunidades para todos. Um caminho que mostra ser possível unir desenvolvimento econômico e desenvolvimento social, produtividade e sustentabilidade, o individual e o coletivo (OCB, 2017 apud MULLER; KLEIN, 2017, p. 5).

Além dessa definição, o cooperativismo é guiado por sete princípios: adesão livre e voluntária, controle democrático, participação econômica dos sócios, autonomia e independência, educação, treinamento e informação, cooperação entre cooperativas e, preocupação com a comunidade (MULLER; KLEIN, 2017).

No sul do Brasil, com o intuito de suprir a demanda nacional de trigo, a partir da década de 1950, o Estado passou a incentivar a criação de cooperativas tritícolas, principalmente no Rio Grande do Sul (SOUZA, 2009 apud MULLER; KLEIN, 2017, p. 5). Diante dessa onda de fomento e com o surgimento da Lei Federal que extinguiu as Associações Rurais, a Associação Rural de Tapera, optou por transformar a entidade em

uma cooperativa, criando assim, a Cooperativa Triticola Taperense Ltda – Cotrisoja (COTRISOJA, 2018).

A Cotrisoja é uma cooperativa do ramo agropecuário, que tem sua sede no município de Tapera, região Norte do Rio Grande do Sul. A mesma iniciou suas atividades em 1966, com o intuito de receber e armazenar grãos, bem como ser uma facilitadora na negociação dos preços dos insumos agrícolas para os produtores rurais de Tapera. Com o passar dos anos, a cooperativa expandiu suas atividades e abriu filiais em outros municípios da região. Atualmente, possui treze unidades, sendo elas onze unidades regionais de recebimento, secagem e armazenagem de grãos⁴.

A cooperativa, em sua gama de atividades, possui lojas agropecuárias, farmácias veterinárias, postos de combustíveis, transportador revendedor retalhista (TRR), comercialização de grãos, tratamento industrial de sementes, fábrica de rações e concentrados, agricultura de precisão, assistência técnica agrícola, assistência técnica veterinária e equipe técnica ambiental (COTRISOJA, junho de 2018).

As Mulheres e o Cooperativismo

Em março de 2018, na comemoração ao Dia Internacional da Mulher, promovido pelas Nações Unidas, María Eugenia Pérez Zea (2018), presidente do Comitê Mundial de Equidade de Gênero da Aliança Cooperativa Internacional⁵, fez uma declaração sobre o empoderamento feminino e o papel das cooperativas. Inicialmente, Zea retomou o reconhecido papel ativista da tecelã Eliza Brierly que, em março de 1846, mobilizou-se para se converter em membro de pleno direito da recém criada Sociedade Cooperativa Equitativa dos Pioneiros de Rochdale, Inglaterra. Numa época onde mulheres eram *propriedade* do pai ou esposo, sem direitos legais ou civis, Eliza abriu as portas para transformar a vida de muitas outras mulheres.

⁴ Unidade de Tapera, Unidade de Linha Floresta - Selbach, Unidade de Selbach, Unidade Trevo - Selbach, Unidade Lagoa dos Três Cantos, Unidade de Victor Graeff, Unidade de Ibirubá, Unidade Esquina São José - Ibirubá, Unidade Quinze de Novembro, Unidade Santa Clara do Ingaí - Quinze de Novembro, Unidade Jóia e, ainda, possui duas unidades somente de armazenagem: Unidade Bela Vista - Selbach e Unidade Teutônia - Tapera (COTRISOJA, junho de 2018).

⁵ A Aliança Cooperativa Internacional é uma organização não governamental que reúne, representa e serve a organizações cooperativas no mundo todo. A Aliança é a voz mundial das cooperativas, empresas centradas nas pessoas que se fundamentam em valores.

Para Zea, embora atualmente sejam muitos os esforços em defesa dos direitos das mulheres, o caminho a ser percorrido ainda é longo e, no cooperativismo, deve-se “seguir trabalhando para emponderar as mulheres e fazer com que suas vozes sejam ouvidas” (ZEA, 2018), apoiando as ativistas inseridas no cooperativismo, nos processos de formulação de políticas públicas e sensibilização social.

No âmbito rural, Zea aponta para o papel poderoso que as mulheres ativistas de cooperativas rurais tem realizado, contribuindo assim para o progresso do cooperativismo e no que diz respeito a geração de melhores condições no campo, tanto para elas como para suas famílias. Porém, segundo a presidente do Comitê

não podemos esquecer da existência de muitas mulheres *invisíveis* nas áreas rurais, vinculadas ao manejo agrícola e de pecuária, que não têm relação jurídica ou administrativa com as mesmas e para as quais o seu trabalho na produção agropecuária é considerado *ajuda familiar* (ZEA, 2018, grifo da autora).

Diante disto e da vulnerabilidade, subestimação e estigmatização vividos por milhares de mulheres, é que Zea reforça a necessidade do cooperativismo seguir impulsionando o empoderamento feminino, eliminando barreiras e dando o suporte coletivo de um movimento que congrega mais de um bilhão de pessoas em todo o mundo.

Metodologia

O presente estudo busca observar se a comunicação da Cotrisoja voltada às mulheres é eficaz no que tange a sua permanência na propriedade rural familiar. Para a realização da pesquisa, foram levantados dados na comunidade através de observação participante e também foram reunidas informações documentais que foram analisadas qualitativamente sobre as ações da Cotrisoja promovidas para e/ou com as mulheres nos últimos tempos. As categorias escolhidas para a análise foram empoderamento das mulheres e a equidade de gênero. Ou seja, a comunicação da Cotrisoja empodera as mulheres para participar do processo econômico social na propriedade familiar e torna as relações entre homens e mulheres mais iguais? Neste estudo foi reunido apenas o material

que se encontra na página institucional na internet, não levando em conta a comunicação feita no programa radiofônico e na revista da cooperativa⁶.

A Pesquisa

A comunidade de Bela Vista localizada no município de Selbach, no Rio Grande do Sul, é uma comunidade rural, constituída por 249 habitantes, distribuídos em 93 famílias e 63 propriedades familiares. Na sua grande maioria, os residentes são de descendência germânica com alguns costumes e tradições trazidos pelos imigrantes. Nelas vivem 79 pessoas aposentadas e 46 jovens entre 18 e 35 anos de idade, sendo 18 moças e 28 rapazes. Alguns destes jovens vivem na comunidade, mas já desempenham atividades produtivas fora da propriedade de sua família. Quase todas as famílias, têm pelo menos, um de seus membros associado à Cotrisoja e vinculado à unidade de Linha Floresta, a mais próxima da comunidade. Em todas as famílias da comunidade há pelo menos um membro associado a alguma cooperativa agrícola. Na maioria das propriedades, apenas os homens da família são associados às cooperativas. As mulheres, geralmente, têm seu nome anexado ao do esposo no cadastro da cooperativa.

Ressalta-se que fatores como taxa de natalidade, a questão de trabalhar ou não na agricultura e a migração de jovens para propriedade de cônjuge da mesma localidade, dentre outros, não foram considerados. Ainda, não foram levantados aspectos qualitativos, ficando restrita a pesquisa apenas a questão quantitativa visando conhecê-la melhor.

A comunidade tem um número baixo de jovens em relação ao número de famílias, ao número de aposentados e conseqüentemente ao número de adultos. Neste cenário, num futuro muito próximo, mesmo que todos os jovens permaneçam na agricultura familiar naquela comunidade, somente algumas propriedades terão garantida a sucessão da família na propriedade. Esse dado impacta ainda mais sabendo que a sucessão é raramente feita por uma filha. Isso só ocorre quando ela se casa com um jovem de outra família da mesma

⁶ A Cotrisoja possui um programa radiofônico veiculado diariamente nas emissoras Ibirubá AM e Amizade FM de Ibirubá, e às 12:05 nas rádios Cultura AM de Tapera, Princesa FM de Selbach e Alto Jacuí FM de Victor Graeff. Possui também uma revista impressa trimestral.

comunidade ou de outra, que tenha excedente de filhos que sua propriedade possa absorver.

A Cotrisoja tem buscado aproximar as mulheres de suas unidades, tanto como sócias, colaboradoras e líderes. A organização realiza uma série de ações e eventos que se considera parte da comunicação organizacional integrada, visando especificamente o seu público feminino. Não existem ações específicas voltadas para o público feminino jovem.

Segundo a cooperativa (2018), uma das ações realizadas é a constituição do comitê denominado *A Força da Mulher Cotrisoja* que é organizado com a participação de 42 mulheres líderes de várias regiões da abrangência da Cotrisoja⁷. O objetivo do comitê é aumentar a participação efetiva das mulheres, agricultoras rurais, esposas de associados ou associadas, nas ações pertinentes à Cotrisoja. As reuniões ocorrem a cada dois meses e nelas são trabalhados vários assuntos referentes à formação de liderança, organização estatutária da cooperativa, conhecimento de procedimentos dos diferentes setores ligados ao funcionamento da Cotrisoja, envolvimento na organização de eventos, como por exemplo o Encontro da Mulher Cotrisoja. Essas atividades buscam desenvolver sua liderança, o espírito cooperativo, o interesse pelos negócios, e é claro motivá-las e mostrar a grande importância que cada uma tem na sua propriedade, dentro dos negócios e dentro da sua família. A organização dos encontros fica a cargo de profissionais que assessoram e acompanham as atividades do comitê.

Trata-se de uma ação institucional que busca oportunizar a participação das mulheres a partir de suas comunidades num organismo institucional. É a articulação de lideranças de base por região que possibilita a comunicação descendente, ascendente e a partir das lideranças femininas, também horizontal com as mulheres nas comunidades.

As participantes do comitê são representantes das mulheres das comunidades e mantém assim o vínculo com a cooperativa através da articulação das mulheres.

A participação e a formação geram empoderamento dos sujeitos envolvidos. Porém, não se percebe que leve a processos de construção da equidade de gênero, pois as mulheres conversam entre si, mas quando retornam ao convívio familiar onde prevalece

⁷ 6 integrantes unidade de Tapera; 4 integrantes unidade de Lagoa dos Três Cantos; 5 integrantes unidade de Victor Graeff; 4 integrantes unidade de Linha Floresta; 4 integrantes unidade de Linha Teutônia; 4 integrantes unidade de Selbach; 4 integrantes unidade de Ibirubá; 3 integrantes unidade de Quinze de Novembro; 3 integrantes unidade de Santa Clara do Ingaí; 3 integrantes unidade de Esquina São José; e 2 integrantes unidade de Jóia.

o poder masculino, são, em geral, submetidas sem o devido espaço para o exercício do poder.

Outra ação é a realização de evento anual denominado *Encontro da Mulher Cotrisoja* que tem como objetivo a integração da mulher no sistema cooperativista. Visa também a motivação das mulheres associadas, valorizando elevando a auto estima de cada uma. É uma oportunidade de troca de conhecimentos e formação da consciência crítica da mulher em relação ao seu espaço na sociedade, e como ela pode contribuir com suas experiências e valores dentro da cooperativa. O evento já está na sua 10ª edição e conta com a participação de 1500 mulheres.

Este é um evento que ocorre nesta cooperativa a partir das lideranças de base que reúnem as mulheres que integram as famílias de associados. Pode ser entendido como articulação massiva da base que se motiva para integrar o grande esforço feminino dentro da Cotrisoja, mas tem contra si que é apenas um momento anual, mais festivo e de confraternização do que efetivamente de empoderamento das mulheres. Outra questão é que não há a participação dos homens e nem as temáticas estão voltadas para discutir a equidade de gênero na propriedade familiar onde se mantém o poder assimétrico entre homem e mulher. As temáticas são anunciadas e proferidas através de palestras como atrativo central para reunir o maior número, o que visa mais mostrar a força do cooperativismo do que a força da mulher que possa interferir na gestão das propriedades familiares.

A terceira ação da Cotrisoja visando especificamente à mulher é o *Dia da Mulher Cotrisoja* que é realizado durante e em sintonia com o Outubro Rosa. Ele tem como objetivo principal a prevenção do câncer de mama orientando para o diagnóstico precoce. Todos os anos a cooperativa Cotrisoja proporciona palestras que abordam temas relacionados aos cuidados com a saúde da mulher. O encontro já faz parte do calendário de eventos da Cotrisoja e reúne colaboradoras e representantes da liderança feminina da cooperativa, para uma tarde de muitas informações e descontração.

Trata-se também de um evento que tem objetivos e programação voltados para a saúde da mulher. Não trata de questões que têm relação com o empoderamento das mulheres e a equidade de gênero nas propriedades familiares.

Em análise das atividades da Cotrisoja que possibilitam a participação das mulheres, percebe-se que a cooperativa trabalha as relações de gênero separando o sexo feminino do masculino, realizando ações de equidade de gênero apenas para mulheres,

uma vez que, tratando-se de um núcleo familiar, caberia ser um assunto tratado pela família toda. Assim sendo, o discurso para a equidade de gênero e empoderamento feminino é realizado apenas para as mulheres, os homens ficam alheios a isto. Dessa forma, o ciclo da reprodução social nas propriedades rurais familiares, onde o homem é o chefe da família e a mulher apenas a ajudante, se intensifica, fazendo com que as mulheres busquem novas possibilidades nas cidades, fortalecendo assim, a evasão rural feminina.

Apesar das atividades oferecidas pela Cotrisoja para as mulheres, não se tem modificada essa realidade nos espaços de decisão das propriedades rurais e, em consequência, também não se tem modificado a realidade da relação de gênero. Esse tipo de comunicação e envolvimento da mulher não tem contribuído para que a mulher encontre seu espaço na dinâmica das propriedades e nem no cooperativismo como tal. Diante disso o que tem ocorrido é a constante evasão do público feminino jovem da comunidade de Bela Vista, que busca seu futuro nos centros urbanos da região.

Considerações Finais

Ao realizar a pesquisa sobre as ações comunicacionais da Cotrisoja voltadas às mulheres e sua relação com a evasão rural feminina das famílias associadas à cooperativa residentes em Bela Vista, Selbach/RS, constatou-se que a equidade de gênero e o empoderamento feminino nas ações da Cotrisoja não impediram a evasão rural da juventude feminina nesta comunidade.

Também percebeu-se que as ações para promover a equidade de gênero, bem como para empoderar as mulheres, são realizadas apenas para as mulheres, deixando os homens alheios às demandas das mulheres dentro da propriedade rural familiar. Esta estratégia pode ser ineficiente no que tange a permanência da mulher no campo, uma vez que a mesma continua descontente em seu núcleo familiar e acaba buscando melhores condições de vida nas cidades.

Entre as atividades da Cotrisoja há, porém, uma grande margem para avançar em relação às questões que envolvem o empoderamento feminino e a equidade de gênero nas propriedades familiares. Para isto, é importante o comitê como representação feminina na gestão do cooperativismo, mas também para a construção de políticas do cooperativismo para avançar nas questões propostas. Porém, as ações realizadas para enfrentar essas

questões terão como consequência primeira a explicitação do conflito latente. Como lidar com o conflito quando o poder é assimétrico?

As ações propostas e realizadas na Cotrisoja visando a mulher não têm demonstrado contribuir para a solução da problemática de fundo apontada no início deste estudo, que é o êxodo rural juvenil feminino. E se não for feito nada, além do que vem sendo realizado, na próxima geração não haverá mais sucessão na maior parte das propriedades rurais familiares nesta, e em muitas outras, comunidades rurais.

Por fim percebeu-se que a comunicação organizacional integrada na Cotrisoja é ainda um grande desafio para a solução dos problemas que ocorrem no meio de seus associados. O mix de comunicação da instituição deve atuar em várias frentes para dar conta dos desafios de todos os sujeitos envolvidos e de todas as suas dimensões.

Este foi um estudo piloto, porém sugere-se outros para conhecer melhor a comunicação deste importante setor da sociedade.

Referências

AGUIAR, Vilênia V. P.; STROPASOLAS, Valmir L. *As problemáticas de gênero e geração nas comunidades rurais de Santa Catarina*. Livro gênero e geração em contextos rurais. P. 157 – 182. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/1016303/1020379/genero+e+gera_o+em+contextos+rurais.pdf/171b01b8-2ded-48dc-9639-8e7e34c7bbcc>. Acesso em: 20 fev. 2018.

BRUMER, Anita. *Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, jan. – abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21699>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

BRUMER, Anita; ANJOS, Gabriele dos. *Gênero e reprodução social na agricultura familiar*. *Revista NERA: Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária*, Presidente Prudente, a. 11, n. 12, p. 6 – 17, jan. – jun. 2008. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1443/1420>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

CARNEIRO, Maria J. *Herança e gênero entre agricultores familiares*. *Revista Estudos feministas*, v. 9, n. 1, p. 22 – 55, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8602.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

CASTILHO E SILVA, Carolina B.; SCHNEIDER, Sergio. *Gênero, trabalho rural e pluriatividade*. Livro gênero e geração em contextos rurais. P. 183 – 207. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/1016303/1020379/genero+e+gera_o+em+contextos+rurais.pdf/171b01b8-2ded-48dc-9639-8e7e34c7bbcc>. Acesso em: 20 fev. 2018.

COTRISOJA Cooperativa Triticola Taperense Ltda. *Atividades Realizadas com as Mulheres na Cotrisoja*. Documento. Acesso em: 26 jun. 2018.

COTRISOJA Cooperativa Triticola Taperense Ltda. *Sobre a Cotrisoja*. Site. Disponível em: <<http://www.cotrisoja.com.br/cotrisoja/sobre-nos/>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

DALCIN, Dionéia; TROIAN, Alessandra. *Jovem no meio rural a dicotomia entre sair e permanecer: um estudo de caso*. I Seminário Nacional Sociologia & Política UFPR 2009 “Sociedade e Política em Tempos de Incerteza”. 2009. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/270043143/JOVEM-NO-MEIO-RURAL-A-DICOTOMIA-ENTRE-SAIR-E-PERMANECER-pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. *Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada*. 4.ed. revisada, atualizada e ampliada. São Paulo: Summus, 2003.

MULLER, Renata; KLEIN, Otavio J. *O cooperativismo no rádio e os princípios cooperativistas*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, set. 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2156-1.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

ONU Mulheres Brasil. *Empresas: princípios de empoderamento das mulheres*. Site. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/referencias/principios-de-empoderamento-das-mulheres/>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

RENK, Arlene; BADALOTTI, R. M.; WINCKLER, Silvana. *Mudanças socioculturais nas relações de gênero e intergeracionais: o caso do campesinato no oeste catarinense*. Livro gênero e geração em contextos rurais. P. 367 – 390. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/1016303/1020379/genero+e+gera_o+em+contextos+rurais.pdf/171b01b8-2ded-48dc-9639-8e7e34c7bbcc>. Acesso em: 20 fev. 2018.

SISTEMA OCB. *Notícias: cooperativas têm a tarefa de empoderar as mulheres*. Site. Disponível em: <<http://www.somoscooperativismo.coop.br/noticia/21029/cooperativas-tem-a-tarefa-de-empoderar-as-mulheres>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

THIRY-CHERQUES, Hermano R. *Pierre Bourdieu: a teoria na prática*. Rev. Adm. Pública, v. 40, n. 1, Rio de Janeiro, jan. – fev. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-76122006000100003&script=sci_arttext>. Acesso em: 01 mai. 2018.

ZEA, María Eugenia Pérez. *Declaração da Aliança Cooperativa Internacional por ocasião do Dia Internacional da Mulher 2018*. Disponível em: <<http://www.paranacooperativo.coop.br/ppc/index.php/sistema-ocepar/comunicacao/2011-12-07-11-06-29/ultimas-noticias/116804-aci-cooperativas-tem-a-tarefa-de-empoderar-as-mulheres>>. Acesso em: 2 de jul. 2018.